

ALIMENTOPIA / UTOPIA, ALIMENTAÇÃO E FUTURO: O MODO DE PENSAR UTÓPICO E A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES INCLUSIVAS: UM CONTRIBUTO DAS HUMANIDADES

RESUMO

O projeto ALIMENTOPIA permitiu a exploração de novos caminhos que, nas duas últimas décadas, se abriram às humanidades, proporcionando experiências de trabalho colaborativo multidisciplinar, de envolvimento com a comunidade, de participação cidadã no processo investigativo e de um recurso muito produtivo a ferramentas digitais. Com um número elevado de resultados de investigação disponibilizados através de diferentes meios, o projeto demonstrou que as humanidades engajadas e digitais não põem em causa o projeto das humanidades tradicionais, contribuindo antes para o seu reforço.

ABSTRACT

The ALIMENTOPIA project enabled the exploration of new paths that, in the last two decades, were opened up to the humanities, fostering experiences of multidisciplinary collaborative work, of involvement with the community, of citizen participation in the research process, and of a very productive use of digital tools. With a high number of research results made available through different means, the project demonstrated that the engaged and digital humanities do not jeopardize the project of the traditional humanities but rather contribute to enhance its strength.

NOVOS CAMINHOS NAS HUMANIDADES

Desenvolvido entre junho de 2016 e novembro de 2019, o projeto Alimentopia, acolhido conjuntamente pelo ILCML - Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pelo CETAPS - Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, ofereceu-se como palco de inovação e experimentação de um conjunto de novos caminhos que as humanidades se têm proposto trilhar, nas últimas décadas. Esses caminhos, que **não têm sido sempre consensuais**, poderão ser entendidos a partir da discussão de três questões principais que têm vindo a dividir os investigadores da área.

A primeira questão é suscitada pela controvérsia que se instalou sobre o objetivo das próprias humanidades: deverão as humanidades ser instrumentais ou assumir-se como um fim em si mesmas? A ideia da autorreferencialidade das humanidades tem vindo a ser posta em causa, na lógica da nova economia do conhecimento, pelas estruturas de financiamento para a investigação e ensino superior, que privilegiam projetos que evidenciem *utilidade* para a sociedade, revelando um significativo impacto socioeconómico. Nasceu, assim, o conceito de “humanidades engajadas” (*engaged humanities*)¹, concretizado através de projetos colaborativos com outras áreas disciplinares, e que tem como face visível programas que se propõem responder aos desafios sociais. Neste âmbito, as humanidades com preocupações ambientais (as chamadas *environmental humanities*) e com a saúde (*medical humanities*) têm vindo a ganhar especial relevo. No entanto, a *aplicação*, a outras ciências, das ferramentas deliberativas e interpretativas características das humanidades, tem vindo a ser vista, pelos defensores das humanidades tradicionais, como uma intrusão intolerável, colocando em risco a própria sobrevivência da área. Como defende Leon Wieseltier, as humanidades não progredem de forma linear e sequencial, como as ciências, mas através de um processo de recepção cumulativa dos objetos culturais (Wieseltier, 2013). Contudo, como faz notar Steven Pinker, será precisamente na sua relação com as ciências que as humanidades encontrarão oportunidades para “inovação e entendimento” (Pinker, 2013). Para além disso, não se trata, como explica Daniel C. Dennet, de um abandono e descaracterização do projeto das humanidades tradicionais, mas de um reforço desse programa investigativo através de uma relação estratégica com outras disciplinas e, frequentemente, da adaptação, muito produtiva para a investigação, de novas ferramentas conceituais e tecnológicas (Dennet, 2013).

A segunda questão prende-se com o trabalho colaborativo. Tradicionalmente, o trabalho investigativo na área das humanidades é desenvolvido de

¹ Não estando ainda convencionada a tradução da expressão “Engaged Humanities” para a nossa língua, optei pela tradução direta, na lógica da consagração de “Humanidades Digitais” e de “Ciência Cidadã” como tradução de “Digital Humanities” e “Citizen Science”, respetivamente.

forma solitária, em bibliotecas ou arquivos, sendo os resultados de investigação – mas não os *dados* – partilhados através da apresentação (individual) pública em congressos e em artigos de periódicos, capítulos de livros ou monografias. A possibilidade de partilha da autoria de um texto com outro investigador da mesma área – quanto mais de uma área diferente – é ainda vista com muita resistência, talvez porque seja concebida como o resultado de um caminho intelectual individual. As humanidades engajadas, contudo, pressupõem dois tipos de investigação colaborativa: por um lado, com investigadores de outras áreas disciplinares; por outro lado, com indivíduos não especializados. O primeiro tipo de cooperação tornou-se mais comum, nos nossos dias, em grande parte devido à pressão para se obter financiamento; frequentemente, contudo, a parceria com outras áreas disciplinares não resulta da utilização de metodologias definidas em comum para o trabalho investigativo, mas da mera soma de trabalho realizado individualmente, nas diferentes áreas. Já a participação do público em projetos de investigação através da recolha e monitorização de dados – a chamada “ciência cidadã” (*citizen science*) –, corrente há pelo menos duas décadas na área das ciências, é muito rara em projetos de humanidades, que têm vindo a investir mais em atividades unidirecionais de divulgação dos resultados investigativos, na lógica das chamadas atividades de extensão universitária.

A terceira questão é suscitada pela forma como os avanços tecnológicos, para além de se apresentarem como facilitadores da colaboração multidisciplinar e da ciência cidadã, a nível transnacional (potenciando, pois, o desenvolvimento de uma cultura pública cada vez mais em rede), têm vindo a revitalizar as humanidades. A passagem, em particular, da Web 1.0 para a Web 2.0, isto é, da publicação de textos e bases de dados na Internet, na lógica da construção de um repositório partilhável, para a criação de projetos online interativos, abertos à participação de múltiplos atores, tem vindo a ter consequências visíveis na área da apresentação de informação (muitas vezes vista como um trabalho de curadoria multimodal) e de descentramento da autoridade (pela colaboração anónima em projetos com um grande número de participantes). A Internet veio, com efeito, proporcionar um aumento de escala aos projetos das humanidades, possibilitando a análise de grandes quantidades de dados a um nível global. A relação com o público é igualmente alterada, não só através da interação numa plataforma comum, mas também da publicação de resultados de investigação em acesso aberto, frequentemente em formatos mais legíveis para um público não especializado: gráficos, ilustrações e *links* para vídeos no YouTube ou para outros trabalhos relacionados com o tema.

Estas três questões subsumem-se numa pergunta central: será que, ao explorar novos caminhos – empenhando-se na resolução de desafios sociais, apostando na investigação colaborativa com outras áreas disciplinares, investindo em novas formas de relacionamento com o público não especiali-

zado e recorrendo a ferramentas tecnológicas – as humanidades tradicionais correm o risco de desaparecer? O projeto ALIMENTOPIA foi concebido no pressuposto de que as humanidades têm uma oportunidade única para assumirem um lugar central na cultura pública e para evidenciar a sua utilidade para a sociedade. Como explica A. Bhattacharya, as humanidades são o estudo sistemático das variadíssimas formas através das quais os indivíduos, em diferentes períodos históricos e distintas geografias, têm vindo a registar a experiência humana; oferecem-nos janelas de reflexão (através do pensamento crítico, lógico, intuitivo, criativo e holístico) sobre a condição e experiência humanas, ajudando-nos a entender o passado e a negociar o presente que vai moldar o nosso futuro (Bhattacharya, 2018). O projeto ALIMENTOPIA explorou os novos caminhos que se oferecem às humanidades, evidenciando diversas possibilidades de revitalização da área.

ALIMENTOPIA: HUMANIDADES ENGAJADAS

O sucesso do projeto ALIMENTOPIA conta-se facilmente através dos resultados da investigação realizada: 140 comunicações em encontros científicos internacionais e nacionais, 33 artigos em periódicos internacionais e nacionais, 11 livros em papel e 1 digital, organização de 18 seminários e congressos, 52 vídeos de divulgação de resultados, 6 exposições (uma delas com mais de 2.000 visitantes e noticiada em todos os meios de comunicação social), 1 glossário terminológico e 2 bases de dados. O fôlego inovador do projeto só poderá, contudo, ser evidenciado a partir da análise da forma como o projeto desenvolveu práticas de investigação engajadas, colaborativas e digitais.

O projeto reuniu 27 investigadores de 6 áreas disciplinares. Tendo como equipa-base membros do ILCML que haviam participado em três projetos financiados pela FCT sobre o utopismo português e membros do CETAPS que participam, desde 2004, na linha de investigação *Mapping Utopianisms*, o projeto assumiu-se, desde o início, como uma iniciativa da área dos Estudos Literários e Culturais em colaboração com as Ciências da Nutrição, a Medicina, a Antropologia, a Filosofia e a Linguística. Este é um aspeto relevante, que nos permite compreender que o projeto foi desenvolvido sempre a partir das referências intelectuais e das metodologias interrogativas das humanidades².

Apesar de, por definição, a literatura utópica pressupor a reflexão sobre possíveis respostas aos desafios societais, essa consideração não foi sempre

² Embora a área dos Estudos sobre a Utopia seja transdisciplinar, reunindo investigadores de diferentes disciplinas (da literatura, história e filosofia à sociologia, ciência política, artes, arquitetura e ciências ambientais), persiste um núcleo forte, desde a afirmação da área, nos anos 80 e 90, de investigadores dos Estudos de Literatura e Cultura que investem na análise e interpretação literária de cinco séculos de produção utópica.

feita nos moldes das humanidades engajadas. Esse é, na verdade, um desenvolvimento que tem cerca de duas décadas, tendo os investigadores da Universidade do Porto estabelecido contactos exemplares (referidos a nível europeu) com as comunidades locais e o público em geral através dos projetos *Eurotopia 2100*³, *Pan-Utopia 2100*⁴ e, mais recentemente, do projeto *Utopia500*⁵, com uma concretização muito bem sucedida no projeto *Valongo, Cidade Utóptica*⁶. O engajamento dos Estudos sobre a Utopia tornou-se, contudo, mais evidente com o cruzamento – que deu origem ao projeto ALIMENTOPIA – dos Estudos sobre a Utopia com os Estudos sobre a Alimentação, uma área de investigação emergente nos seus modos investigativos multidisciplinares, reunindo investigadores das humanidades, das ciências sociais e das ciências⁷.

Para além de contar histórias de migração, assimilação, resistência e dinâmicas sociais, através das quais se (re)produzem identidades, relacionamentos e hierarquia, a alimentação coloca questões políticas, económicas, ambientais e de saúde para as quais é urgente encontrar solução. Tradicionalmente, os Estudos sobre a Alimentação recorrem a métodos históricos, etnográficos, narrativos e quantitativos; a alteração que o projeto ALIMENTOPIA veio introduzir, na sua intersecção com os Estudos sobre a Alimentação, foi a definição de uma abordagem holística à alimentação, redirecionando as preocupações que temos atualmente com a comida para a imaginação de alternativas futuras, informadas pela consciência de que as sociedades funcionam como sistemas. Foi, assim, estabelecida uma metodologia *generativa*, na medida em que fomenta uma crítica produtiva do presente e desafia a capacidade para se pensar e construir o futuro de uma forma transversal a diferentes disciplinas; essa metodologia foi estabelecida a partir da definição de um conjunto de “perguntas utópicas” – inicialmente definidas por Lyman T. Sargent (Sargent, 2015) e expandidas, de forma colaborativa, no decurso do projeto –, tendo sido definido um *corpus* literário e histórico-cultural. Foi, na verdade, essa metodologia que assegurou a unidade do projeto, assumindo-se como ponto de ligação entre investigadores de diferentes áreas.

³ <http://web2.letras.up.pt/eurotopia>.

⁴ <http://panutopia.oxys.pt/>.

⁵ <https://www.utopia500.net/utopia-500-team>.

⁶ <https://www.utopia500.net/valongo>.

⁷ Como explica Marion Nestle, a expressão “Food Studies” foi usada pela primeira vez em 1996 para descrever um programa académico oferecido pela Universidade de Nova Iorque (Nestle, 2010:162). Atualmente, a área dos Estudos sobre a Alimentação encontra-se bem consolidada nos EUA, estando, contudo, na Europa, em fase afirmação.

O espírito colaborativo entre os investigadores teve frutos óbvios na Antologia *E Se...? Narrativas Especulativas Sobre Alimentação e Sociedade* (Vieira, *et al.*, 2019), que apresenta excertos de narrativas utópicas do século XVI ao século XXI, mas ainda resultados mais inovadores no volume *Utopian Foodways: Critical Essays* (Botelho, Gomes e Reis, 2019), que reúne, entre outros textos, ensaios escritos colaborativamente. A noção de projeto – de um descentramento de autoria – prevaleceu também no estudo feito da comunidade vegetariana que se afirmou, entre 1909 e 1935, através do periódico *O Vegetariano* e que resultou na construção de um índice remissivo⁸, disponibilizado em acesso livre. Este projeto, em concreto, constituiu um passo significativo de rutura com as práticas das humanidades, ao partilhar, em acesso aberto, dados de investigação (e não resultados de investigação) que permitirão a continuação do processo investigativo por parte de outros indivíduos – um exemplo perfeito de como a investigação pode, nas humanidades, ser construída em rede.

A colaboração com outras instituições foi concretizada através de duas outras iniciativas: por um lado, pela parceria com a Ordem dos Nutricionistas, que resultou na produção de um Glossário Terminológico com mais de cem termos⁹, que assegura a compreensão (por parte de investigadores de diferentes áreas, mas também por um público não especializado) de vocabulário fundamental relacionado com a alimentação; por outro lado, pela parceria com a Câmara Municipal de Valongo, os seis agrupamentos de escolas e outras organizações locais, que resultou numa reflexão que envolveu a comunidade escolar no combate ao desperdício alimentar e que melhor deu expressão ao desígnio de engajamento social do projeto.

Apesar de grande parte do projeto ter sido desenvolvida em ambiente digital e de as ações de divulgação terem tido como plataforma de comunicação privilegiada um canal de YouTube criado para o efeito¹⁰, tendo-se registado também um investimento importante nas redes sociais (Facebook e Twitter), aquilo que mais distinguiu o projeto, e que constituiu um contributo importante para as humanidades digitais, foi a criação de uma atividade de “etiquetagem”¹¹ de textos de literatura utópica e de ficção científica proposta na lógica da Ciência Cidadã. Convidados a participar, cidadãos não especializados – sobretudo com um interesse específico pela ficção científica – identificaram, nos livros que tinham em casa, respostas às perguntas “utópicas” que estiveram na base do projeto. Sem que o tivéssemos explicitado em termos

⁸ https://ckan-rdm.up.pt/dataset/cetaps-2018-001?fbclid=IwAR3HdT9yQQTQksOnXwqWFIV_NVA_GdDIE5-81kvbq_fCfR5nQgfIPjo18zQ.

⁹ https://sigarra.up.pt/flup/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=100304.

¹⁰ <https://www.youtube.com/channel/UCXbHcN1-4AXGBarVPJjv1cA>.

¹¹ <http://web3.lettras.up.pt/alimentopia/?lg=EN&id=22>.

teóricos, estes indivíduos participaram numa atividade de *distant reading*¹², que permitiu o reconhecimento de padrões de resposta que conduziram a *close readings* com conclusões relevantes.

A investigação engajada, colaborativa e digital produzida no contexto do projeto ALIMENTOPIA resultou num aumento exponencial, em Portugal, do número de fontes disponíveis para consulta relativas aos Estudos sobre a Alimentação. Mais importante ainda, provou que o desbravamento de novos caminhos no que respeita à interseção com outros campos de estudo, definição de metodologias digitais e colaborativas, parcerias com as ciências, partilha de dados, envolvimento da comunidade, bem como novas formas de comunicação de resultados de investigação, **não coloca em causa a essência da investigação** na área das humanidades. Na verdade, as humanidades saíram reforçadas pela adoção de novas ferramentas intelectuais que contribuíram, de uma forma criativa e abrangente, para o processo de **recepção cumulativa dos objetos culturais** em estudo que, na perspetiva de Leon Wieseltier, constitui o cerne do trabalho nas humanidades (Wieseltier, 2013). Foi, aliás, pela adoção destas estratégias produtivas e pelo desenvolvimento de atividades inovadoras que o ILCML e o CETAPS, entidades que acolheram o projeto, e as respetivas universidades, se afirmaram como centros de investigação incontornáveis para os Estudos sobre a Alimentação, a nível nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

ALMÉRICO, G. M. (2014) - Food and Identity: food studies, cultural, and personal identity. *Journal of International Business and Cultural Studies*. 8 (Jun.).

BHATTACHARYA, A. (2018) - Universities as a crossroads and Humanities at a dead end: what is the way forward? *IUP: Journal of English Studies*. 13:3.

BOTELHO, T.; GOMES, M.; REIS, J. (2019) - *Utopian foodways: critical essays*. Porto: U.Porto Press.

DENNETT, D. C. (2013) - *Let's start with a respect for truth*. Disponível em: https://www.edge.org/conversation/daniel_c_dennett-dennett-on-wieseltier-v-pinker-in-the-new-republic. [Acesso 9 out. 2013].

12 A expressão *distant reading* é utilizada por Franco Moretti para descrever a análise, feita por um software concebido para o efeito, de grandes quantidades de textos, tendo como objetivo a identificação de padrões. Embora a atividade implementada no contexto do projeto ALIMENTOPIA tenha contado com leitores não especializados para a identificação de padrões – na lógica da Ciência Cidadã – o resultado foi idêntico, na medida em que permitiu o reconhecimento de modelos de imaginação do nosso futuro alimentar que conduziram, num momento posterior, a uma análise individualizada dos textos.

NESTLE, M. (2010) - Writing the food studies movement. *Food, Culture and Society*. 13:2, 161-170.

PINKER, S. (2013) - *Science is not your enemy*. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/114127/science-not-enemy-humanities>. [Acesso em 7 ago. 2013].

SARGENT, L. T. (2015) - Everyday life in utopia: food. In STOCK, P.; CAROLAN, P.; ROSIN, C. - *Food utopias: reimagining citizenship, ethics and community*. New York: Routledge.

VIEIRA, F. [et al.] (org.) (2019) - *E Se...?: narrativas especulativas sobre alimentação e sociedade: uma antologia*. Porto: U.Porto Press.

WIESELTIER, L. (2013) - *Crimes against Humanities: now science wants to invade the liberal arts, don't let it happen*. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/114548/leon-wieselstier-responds-steven-pinkers-scientism>. [Acesso 4 set. 2013].